



**5 DE OUTUBRO  
COMEMORADO  
EM TODO O PAÍS**  
**"Um marco  
histórico  
no Portugal  
de Abril"**

**Pág. 20.**

**GOLPE DOS 500 MIL MANTEM-SE?**

# "Grupo Quina" joga forte nos vinhos Borges

O 'grupo Quina' continua, através dos seus apêndices, a jogar forte na desintervenção da Sociedade dos Vinhos Borges, tentando, agora com maior insistência, transformar a questão num problema político.

A par da efervescência criada à volta da situação na zona da Reforma Agrária, há as tentativas de criar pontos de ruptura no Governo de Maria de Lurdes Pintasilgo e as intenções, não camufladas, da direita, de bipolarização da sociedade portuguesa. Neste contexto Miguel Quina atrela o 'seu' caso à ofensiva geral da direita, procurando es-

vaziar dos problemas que se põem àquela desintervenção o vector económico e, até, moral, para mascarar os de envolvimento político. De que forma? Fazendo correr que são os comunistas que não querem a desintervenção. Só que, como se sabe, a questão não é desintervencionar ou não desintervencionar aquela grande empresa de vinhos. O problema centra-se no modo como, ao longo de vários governos, tem sido tentada a desintervenção. De forma gravemente lesiva da economia nacional, da banca e, até, da própria empresa.

A única questão continua a ser esta: como desintervencionar a Sociedade dos Vinhos Borges (que, desde a intervenção operada durante o VI Governo Provisório, tem conhecido índices de desenvolvimento extraordinários), de forma a não lesar a economia nacional?

Não é esta a questão que interessa ao grupo Quina e daí que continué a ofensiva que poderá conduzir à já falada fraude de 500 mil contos, aproximadamente. Fraude que, aliás, poderia chegar a um milhão de contos, conforme a altura em que os

Continua na pag. 27



«Vinhos Borges» fossem vendidos à multinacional alemã 'Pie-roth', ainda muito interessada no negócio. Tudo isto se a desintervenção viesse a tornar praticável o 'acordo secreto' dos ex-secretários de Estado Alípio Dias e Correia Guedes, pelo qual continua a haver interessados no BBI e também, cremos, no Governo.

O caso dos «Vinhos Borges» tem, porém, raízes mais fundas. Caso vingassem os objectivos dos Quinas em relação aquela empresa, muitos outros casos idênticos, e igualmente desastrosos para a economia nacional, poderiam ser despoletados. Com efeito, sabe-se que está já, em carteira, em gestores da banca, uma série de casos deste tipo, os quais, em última análise, se inserem numa estratégia que visa, em primeiro lugar 'exportar' o património público na posse da banca, e, em segundo lugar, destruir a própria banca nacionalizada, dando lugar às sociedades financeiras.

Conforme já temos referido, a posição do Conselho de Gestão do BBI (sócio maioritário da empresa) tem sido em favor de uma solução do caso dos Vinhos Borges que vá ao encontro das pretensões do grupo Quina. Tal posição tem sido maioritária graças aos elementos ali introduzidos pelo IV Governo, todos eles, alias, conotados com o CDS. Esta situação é tanto mais grave quanto é sabido ser delicada a situação daquele banco, (com onze milhões de contos de créditos mal parados) e corresponder a um choque de negócios a desintervenção feita nos termos do 'acordo secreto'.

Em qualquer outro Estado de Direito da Europa, as manobras que têm envolvido o processo de desintervenção da Sociedade dos Vinhos Borges seria um caso de polícia e tribunais, podendo até levar, eventualmente à demissão de ministros e à queda de governos. E aqui, em Portugal? E o que se vê: de governo para governo as tentativas de 'golpe' têm vindo a suceder-se e nada acontece. Ou melhor: o que acontece é que o grupo Quina continua confiante, com apoios a vários níveis, incluindo na contestada Comissão de Trabalhadores da empresa. Até quando?

Curiosamente o dr. Nunes da Glória, do C.G. do BBI, encontrou-se recentemente com o ministro Pereira Magro, num jantar com um amigo comum.

Desconhece-se o que terá sido tratado durante tal encontro. Sabe-se apenas que aquele membro do conselho de gestão do BBI tem sido um dos principais animadores do 'projecto Quina' e que tem «boas relações» com um dos elementos preponderantes da C.T. dos Vinhos Borges (pró-Quina, como se sabe) actualmente suspenso por razões disciplinares e a quem quase todos os subordinados retiraram a sua confiança. Registe-se a propósito que, para pressionar a concretização da desintervenção desejada pelo grupo Quina, a C.T. pretende levar a empresa à paralisação na próxima quarta-feira, conforme está programado.

Fundação Cuidar

